

Imagens no/do exterior

*Thamy Lobo
Leonardo Rangel*

Materialidades expressivas nos/dos livros nos cotidianos da Guerra

Após praticamente dois anos de uma pandemia mundial de COVID-19, quando começamos, em muitos países, a vislumbrar um retorno às atividades presenciais, aos encontros com as pessoas queridas e poder sair de casa de uma maneira um pouco mais segura, devido ao avanço das vacinações, tivemos o anúncio de uma guerra, a invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022.

Iniciamos então um período de uma nova insegurança em relação ao futuro, o que envolve temor de um ataque nuclear, o aumento das taxas de inflação e do preço internacional dos alimentos, causando uma crise alimentar que, segundo estimativas, pode levar mais de 10 milhões de pessoas à pobreza.

Em meio às notícias relacionadas ao conflito, repletas de imagens de pessoas buscando refúgio nos países vizinhos, dos bombardeios apresentando o terror sendo capturado, quisemos destacar uma fotografia, feita pelo fotógrafo ucraniano Lev Schevchenko, da janela de seu apartamento em Voskresenka, uma área residencial a nordeste do centro de Kiev. Na imagem observamos uma sugestiva barricada feita por livros.

Imagem 1: Barricada de livros fotografada por Lev Schevchenko



Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-barricada/>

A imagem de livros empilhados, cobrindo toda a janela, nos remete a diferentes afetações. Quando a imagem se tornou conhecida, pois foi amplamente compartilhada, soubemos através da revista *The New Yorker*, que esta não foi a primeira vez que utilizaram “livros como proteção” na/da guerra da Ucrânia. A família da jornalista e ativista cultural Lena Samoilenko utilizou a mesma tática, cobrindo janelas com livros, na ausência dos recomendados sacos de areia (geralmente indicados para a proteção dos barulhos e fragmentos de artilharia).

Para além da experiência de proteção propiciada pela barreira, podemos evocar as imagens dos livros como proteção em períodos difíceis. Na pandemia, países como a Bélgica, permitiram a continuidade de funcionamento das livrarias, considerando-as serviço essencial em período de *lockdown*. Não é difícil acompanharmos em lives, palestras ou encontros que abordam o isolamento, menção aos artefatos culturais como: filmes, músicas e literatura, como essenciais neste período de resistência. Parece que a expressividade do envolvimento com as artes nos devolve um “enlace

protetivo” - uma espécie de pele protetora, - mais difícil de ser conquistado nos momentos mais difíceis.

Livros podem servir como pele, película protetora, que ao se fazerem nas/com imagens nos protege e nos abriga nos momentos difíceis, tornando-se abrigo que acolhe nas tempestades e nos prepara, nos equipa com o necessário para seguir vivendo. Em um período político repleto de fake news e desinformação, livros também nos apresentam conhecimentos, argumentos, possibilidades de conversas, de entendimento e de informação. Livros como imagens e sentidos nos enviam às expressividades dos fluxos dos diversos modos de viver, como no aconchego da casa transformada em fortaleza, erigida pelas materialidades expressivas dos livros que transformam parte da guerra em outros modos de viver possíveis.

Referências:

FILHO, Waldomiro J. Silva. A barricada. Revista Cult, 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-barricada/> . Acesso em: 23 abr 2022

Sem autor, COVID-19 na Bélgica, livrarias permanecem abertas 'para preservar saúde mental'. UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/11/06/covid-19-na-belgica-livrarias-permanecem-abertas-para-preservar-saude-mental.htm> . Acesso em: 23 abr 2022

Sobre os autores:

Thamy Lobo é Mestre e Doutoranda em educação pelo Proped/UERJ. Professora do ensino fundamental

Leonardo Rangel é Mestre e Doutor em Educação. Professor de Sociologia do Instituto Federal da Bahia - IFBA